

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Marcelo Aurélio Bento

**APESAR DE NEUTRO E PARCEIRO COMERCIAL DE AMBOS OS LADOS, O
QUE LEVOU O BRASIL A PARTICIPAR DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

PENHA-SC

2022

Apesar de neutro e parceiro comercial de ambos os lados, o que levou o Brasil a participar da segunda guerra mundial

Marcelo Aurélio Bento¹
Janaina Neves Maciel²
Cristiane dos Anjos Parisoto³
Fátima Regina da Silva Pereira⁴

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo a discursão sobre os motivos que levaram o Brasil que, na condição de abstenção, logo traduzido a neutralidade, acabou envolvido em um conflito de proporções mundiais. Sendo que o Brasil mantinha relações políticas e econômicas com ambos os lados do conflito. É importante observar que o Brasil envolveu-se em uma disputa entre o países aliados e os países do eixo, pois com matéria-prima abundante e localização estratégica, fez do Brasil um país chave, pois Getúlio Vargas com forte inclinação fascista, simpatizava com Adolf Hitler, sabendo da inclinação de Vargas, os EUA começam a se aproximar do Brasil através da política da boa vizinhança. A importância do alinhamento do Brasil-EUA dá-se com o forte relacionamento do ministro de relações exteriores Oswaldo Aranha que, através de sua diplomacia conseguiu acordos comerciais, modernização das forças armadas e obtenção de financiamento de uma usina de siderurgia para o Brasil.

¹ Graduanda em Licenciatura em História no Centro Universitário UNIFACVEST – Juiz de Fora. Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História.

² Orientadora: Mestrado e Graduação em História Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil.

³ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFSUL. Licenciatura e Bacharelado em História pela UNIFACVEST.

⁴ Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008); Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (Bacharelado - 1994 e Licenciatura - 1983)

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Neutralidade. Getúlio Vargas. Conferência.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to discuss the reasons that led Brazil, which, in the condition of abstention, soon translated into neutrality, ended up involved in a conflict of worldwide proportions. Since Brazil maintained political and economic relations with both sides of the conflict. It is important to note that Brazil was involved in a dispute between the allied countries and the axis countries, because with abundant raw material and strategic location, it made Brazil a key country, since Getúlio Vargas, with a strong fascist inclination, sympathized with Adolf Hitler, aware of Vargas' inclination, the USA began to approach Brazil through the good neighbor policy. The importance of the Brazil-US alignment is due to the strong relationship of the Minister of Foreign Affairs Oswaldo Aranha, who, through his diplomacy, achieved trade agreements, modernized the armed forces and obtained financing for a steel plant for Brazil.

Keywords: Second World War. Neutrality. Getúlio Vargas. Conference.

INTRODUÇÃO

Com a ideia de um estudo específico relativo a condição de neutralidade nos anos iniciais do maior conflito armado da história, o que leva um país não beligerante envolver-se em uma guerra? Possivelmente seria simpatia por algum lado, ou aproveitar-se da posição de ambiguidade em relação as potências em conflito?

Com a finalidade de uma interação sobre uma página de nossa história, é interessante observarmos de forma crítica o desenrolar de acontecimentos que levaram o Brasil a envolver-se no maior conflito da história. Pesquisar sobre temas que muitas das vezes não há interesse, torna o estudo mais objetivo.

Abster-se em relação ao conflito não era de interesse de ambos os lados, pois questões estratégicas, econômicas, comerciais e políticas eram de interesse mútuo,

sendo assim, o Brasil consegue através de sua diplomacia, obter empréstimos para industrialização, modernização das forças armadas e treinamento militar, em virtude de um ponto chave, a localização privilegiada no atlântico sul. Com litoral enorme, a maior quantidade de navios mercantes na América do Sul e o ponto mais próximo de ligação com o norte da África e Europa.

A finalidade é um estudo mais amplo e específico sobre um tema, muitas das vezes alheio aos anais da história.

1. APESAR DE NEUTRO E PARCEIRO COMERCIAL DE AMBOS OS LADOS, O QUE LEVOU O BRASIL A PARTICIPAR DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Antes de começar é interessante fazer um apanhado geral dos anos que antecedem o conflito, para podermos compreender a relação comercial entre o Brasil e outros países antes da declaração de neutralidade. Nos anos iniciais da década de 30 o mundo saía de uma forte crise econômica (crise de 1929), além disso surgiam no mundo alguns regimes totalitários. Na Alemanha o nazismo, na Itália o fascismo e na União Soviética o comunismo. No Brasil não era diferente, pois além da crise econômica vivíamos uma instabilidade política. Através de uma revolução que poria fim a república velha, assumia o poder Getúlio Vargas, no qual se manteria no cargo pelos próximos quinze anos. De 1930 a 1934 atuou em um governo provisório, mas em 1934 convocando eleições para uma nova assembleia constituinte, foi eleito indiretamente para presidente sem direito e reeleição. Mas para se manter no poder Vargas teve que se aliar a partidos políticos, entre eles a Aliança Nacional Libertadora (ANL) com aspirações comunistas e a Ação Integralista Brasileira (AIB) de extrema direita.

“A ANL que lutava contra imperialistas, integralistas e fascistas foi considerado uma ameaça devido suas aspirações comunistas e acabou sendo considerado ilegal em julho de 1935”. (SKIDMORE 1969).

Já AIB com o lema “Deus, pátria e família” sobre influência do fascismo e financiado pelos italianos voltado ao nacionalismo, propunha a construção e o desenvolvimento de uma nacionalidade brasileira, buscando a valorização do espiritualismo ao contrário do materialismo comunista. O governo Vargas acabou perseguindo os comunistas e aliando-se aos integralistas, com a aproximação do fim

de seu mandato, junta-se aos militares e dá um golpe de estado fazendo uma nova constituição escrita por Francisco Campos então ministro da justiça com forte influência integralista. Assim criou-se no Brasil um regime ditatorial com característica fascista chamado Estado Novo.

Quando assumiu o poder Vargas tinha como objetivo industrializar o país e modernizar as forças armadas, o que futuramente acabaria acontecendo através de forte política e diplomacia internacional. Marcado pela centralização do poder, fechamento do congresso e câmaras legislativas, com nomeações de interventores estaduais, o regime ditatorial do Estado Novo tinha o objetivo de nacionalizar o país, com perseguições e extinções de partidos políticos, aos comunistas e com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi instituída a censura, ou seja o controle nas mãos do estado.

Mas o crescimento do totalitarismo no mundo era motivo de preocupação no governo de Vargas, embora o mesmo fosse um admirador de Adolf Hitler e o Brasil exportasse matéria-prima e importasse produtos manufaturados da Alemanha, Vargas via com atenção o crescimento do partido nacional socialista (nazismo) na Alemanha, o sul do Brasil com forte influência alemã, no qual fez parte de um plano chamado Pan Germânico de 1911, no qual a Alemanha tomava sobre sua proteção as repúblicas da Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Bolívia, esses países teriam como segunda língua a alemã e no sul do Brasil como primeira língua a alemã e segunda o Português, o governo proibiu as escolas de ensinar a língua alemã, e ordenou o fechamento de rádios e jornais em língua alemã.

A preocupação do Brasil em relação aos alemães vinha desde 1935, quando houve uma expedição na Amazônia com duração de dois anos, liderada pelo biólogo e geógrafo Otto Schulz Kampfhenkel, só mais tarde descoberto que, na verdade era um oficial SS (força de elite do terceiro REICH), sendo o nome verdadeiro da expedição Guiana com um projeto de invasão das colônias inglesas, francesas e holandesas que enviavam alimentos, ouro e diamantes para seus colonizadores.

No entanto algumas decisões do Estado Novo com a relação entre Brasil e Alemanha começam a preocupar. O governo de Vargas começa a intensificar campanhas de nacionalização temendo a formação de uma minoria germânica no sul do Brasil, proibindo a formação de partidos e proibindo estrangeiros em atividades políticas. Sendo que desde 1934 o partido nazista tinha participação no Brasil influenciando os colonos alemães principalmente no sul.

A campanha de nacionalização proibiu atividades políticas, fechou escolas que ministravam aulas em línguas estrangeiras, fechou jornais e rádios. O então embaixador alemão no Brasil, Karl Ritter tentou em vão pressionar o governo para conseguir uma forma de reverter a situação, com tamanha insistência, o embaixador alemão acabou tornando-se “persona non grata” em 1939 pelo governo brasileiro. Não havendo um recuo por parte do governo brasileiro, em resposta o governo nazista fez o mesmo com o então embaixador brasileiro em Berlim, Moniz de Aragão. Mas apesar da crise diplomática entre ambos, as relações comerciais não foram afetadas. Com isso, os EUA estavam preocupados com a influência nazista no Brasil, a crise diplomática entre Brasil e Alemanha, acabaria por estreitar as relações entre Brasil e EUA.

Mas apesar das preocupações, o Brasil fazia comércio exterior com os alemães e também fazia com os EUA, que através de sua política externa tentava a aproximação dos sul americanos com a “política da boa vizinhança”. Sendo o alinhamento dos países da América do Sul com a Alemanha nazista motivo de preocupação dos EUA.

Mas afinal o que foi a política da boa vizinhança?

Uma política externa de aproximação, econômica e cultural, criada no governo do presidente Franklin Delano Roosevelt, que através da diplomacia poria fim ao intervencionismo militar no continente americano. O objetivo era mudar a imagem de como os EUA eram vistos pelos países americanos e diminuir a influência alemã nestes países. Na economia, foram feitos empréstimos, fornecendo matérias-primas e comércio para seus produtos industrializados.

Na cultura a vinda de artistas e diretores como Walt Disney, criando o personagem Zé Carioca o amigo do Pato Donald no Brasil. E também a ida de artistas e diretores brasileiros para os EUA como: Carmen Miranda, o músico Heitor Villa-Lobos e o cineasta Luiz Carlos Barreto. Esta troca cultural deixou marcas profundas em ambos os países.

A aproximação entre Brasil-EUA, dá-se devido ao esforço de um grande personagem de nossa história como nação, Oswaldo Arranha. Formado em direito o conterrâneo e amigo de Getúlio Vargas em sua trajetória política, com diversos cargos no governo Vargas dentre eles, embaixador, chanceler brasileiro no Estado Novo e depois representante do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU).

Aranha viria a ser o grande responsável pelo alinhamento Brasil-EUA.

Segundo Hilton (1994. P.214)

Por um senso pragmático. Examinando o cenário internacional, o embaixador concluía que, entre as grandes potências, os Estados Unidos eram o único aliado em potencial do Brasil. “Não há dúvida que muitos nos acusam de fazer sistematicamente uma política de solidariedade com o governo de Washington, dando a entender que seguimos sua política sem hesitação...”, disse ao Itamaraty em janeiro de 1935. “É preciso que todos vejam que nossa orientação coincide muitas vezes com a dos Estados Unidos, mas que não a adotamos por um desejo propositado de segui-la senão porque são semelhantes, as mais das vezes, nossos interesses e ideais”.

Aranha foi importante para o equilíbrio entre as tensões internas e externas e para as apreensões dos EUA em relação ao Estado Novo.

Segundo SEINTENFUS. (2003) “a política externa nacional sob o comando de Aranha seria caracterizada pela aversão à Itália e a Alemanha e pela aproximação com os EUA”.

Para GERSON MOURA(1980) afirma que “a política externa do Estado Novo obedeceu a lógica da equidistância pragmática entre os EUA e a Alemanha, orbitando sobre as influências dos dois países para angariar o maior número de vantagens possível”.

Se por um lado Aranha tinha posição convicta em relação a Brasil e aos EUA, já Vargas negociava com os dois lados, fazendo uma política paralela entre EUA e a Alemanha. Em 1938 o comércio bilateral Brasil-Alemanha continuava em crescimento, chegando a Alemanha ultrapassar os EUA como maior destino das exportações brasileiras. O momento crucial nas relações políticas-econômicas entre Brasil e EUA dá-se 09/01/1939, a partir de um convite a Aranha para uma missão em Washington. Com a elaboração de um plano para defesa nacional, com o reaparelhamento das forças armadas. Discutindo-se o financiamento de um programa de desenvolvimento econômico, negociação da dívida externa brasileira, a suspensão do pagamento de juros e a criação de um banco central no Brasil. O objetivo principal da missão foi a diminuição da influência alemã no Brasil e a aproximação do Brasil aos ideais pan-americanos dos EUA. O resultado foram, créditos para criação do banco central e para a implantação de uma siderúrgica, acordos conjuntos de empresas para a produção de matérias-primas e a exploração e comercialização da indústria extrativista brasileira.

1.1 Neutralidade

“Entre os que destroem a lei e os que a observam, não há neutralidade possível”.
(RUI BARBOSA)

E assim no primeiro dia de setembro de 1939, inicia-se a Segunda Guerra Mundial começando as hostilidades na Europa, com a invasão da Polônia pela Alemanha e a União Soviética conjuntamente. O Brasil sabendo dos motivos da invasão declara-se neutro. Manter-se neutro era uma condição em que o país não ficaria mal com nenhum dos lados, portanto uma relação de ambiguidade em relação as potências conflitantes. “O governo brasileiro abster-se-á de qualquer ato que, direta ou indiretamente facilite, auxilie ou hostilize a ação dos beligerantes”. Mensagem transmitida pelo Itamaraty as missões diplomáticas brasileiras. Assim como o Brasil outras nações americanas tiveram a mesma posição de neutralidade, e como previa a conferência de Lima, os EUA convocaram uma reunião de consulta de chanceleres americanos para discutir a posição do continente. A conferência foi marcada para o dia 23/09/1939 no Panamá. Na conferência do Panamá, tanto alemães, franceses e britânicos concordaram com a neutralidade americana, contudo com algumas discordâncias. A Alemanha defendia a continuação do comércio além das fronteiras europeias, posição defendida pela Argentina. Já os ingleses pretendiam o controle do tráfego marítimo com a intenção do isolamento alemão, posição aceita pelos EUA.

Nesta conferência ficou acordado a neutralidade coletiva das nações americanas, foi instituída uma zona de segurança continental marítima e estabelecido o princípio da coletividade. E na prática como seria esta neutralidade no continente americano?

Com exceção dos EUA nenhum país americano tinha condições de patrulhar suas fronteiras, principalmente no caso do Brasil, devido ao seu enorme litoral. Em virtude disto nosso litoral acabou sendo invadido diversas vezes por navios de guerra. E com o bloqueio naval feito pelos britânicos as importações e exportações entre Brasil e Alemanha tiveram uma forte queda, com influência direta em nossas importações, como foi no caso de um navio que trazia um carregamento de armas da empresa bélica Krupp, preso pela marinha real inglesa, que tinham sido negociadas pelo governo brasileiro antes do conflito. Com intermediação de nosso chanceler e apoio dos EUA, os ingleses acabaram liberando o carregamento com a promessa por parte de autoridades brasileiras de que seriam para defesa nacional.

As negociações entre Brasil-EUA tornaram-se mais frequentes, envolvendo questões prioritárias como: modernização do aparato militar, defesa continental e cooperação econômica.

Com o avanço e invasão da França e Holanda pela Alemanha, foi convocada uma nova conferência dos países americanos. A conferência foi sediada em Cuba de 21 a 30/07/1940, sendo o motivo da preocupação, que ambos os países invadidos tinham colônias nas américas. Era de interesse dos EUA que essas colônias não caíssem em mãos nazistas. O resultado foi que: as possessões europeias nas américas seriam administradas por uma comissão interamericana, com representantes de quatorze países.

Durante o ano de 1940 as negociações entre Brasil e EUA continuaram acontecendo, muito devido a alguns discursos de Getúlio Vargas, que tirava proveito de ambos os lados, o mesmo não escondia sua admiração por Hitler, motivo pelo qual os EUA tinham medo de um posicionamento e alinhamento com os nazistas. Tanto é que, em setembro após um acordo firmado com a alemã Krupp, foi feita uma oferta para o financiamento e a construção de um complexo siderúrgico. Com rumores de um possível acordo entre Brasil e Alemanha, os EUA sabendo e com medo não tiveram outra alternativa senão fazer um acordo para o financiamento e construção da usina siderúrgica em Volta Redonda, a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), com um investimento inicial de 45 milhões de dólares. Com isso um dos objetivos do governo Vargas estava concluído, agora faltava a questão de nossas forças armadas, sucateadas e mau aparelhadas.

A maior impasse nas negociações em relação a este problema era que, para os EUA a ajuda militar seria somente para o âmbito de um projeto de defesa do continente, mas para o Brasil, a alegação era de que o país merecia um tratamento diferenciado das demais nações americanas, por isso recusava a ideia de colocar o território brasileiro a disposição de seus vizinhos. A não concordância de um acordo continuava de ambos os lados e acabava dificultando as negociações, mas com uma diplomacia bem organizada e conjunta, em janeiro de 1941, foi assinado um acordo bilateral com o objetivo da instalação no Rio de Janeiro de missões do exército e aeronáutica dos EUA. Mesmo assim, não sendo um acordo atraente para a ala dos militares brasileiros com forte oposição ao acordo e influência sobre o Estado Novo, que sem o apoio dos militares, Vargas não se mantinha no poder, após muitas conversações, finalmente representantes de Washington através do Lend-Lease

(empréstimo e arrendamento), foi feito um acordo padrão com as autoridades brasileiras. E em outubro de 1941 Brasil e EUA assinam um acordo no qual Washington compromete-se a fornecer 100 milhões de dólares em equipamentos militares ao Brasil até 1944.

Até então as nações americanas com exceção do Canadá, não tinham entrado no conflito, só que ao amanhecer do dia sete de dezembro de 1941 a força aérea japonesa lança um ataque a base norte americana no pacífico mas precisamente no Hawai (Pearl Harbor), causando mais de duas mil mortes, além da destruição de encouraçados, cruzadores, destróieres, lanças-minas, navios auxiliares e aviões. (ARGUILHES 1996)

Segundo (CAMARGO; ARAÚJO; SIMONSEN. 1996).

Com o ataque, muda-se completamente a configuração do conflito, sendo isto a causa da entrada dos EUA no conflito. No dia seguinte ao ataque, os EUA declaram guerra ao Japão que fazia parte do eixo. No dia onze de dezembro de 1941 Alemanha e Itália declaram guerra aos EUA. Após o ataque japonês os países americanos se solidarizam com os EUA, no Brasil após uma reunião no dia seguinte ao ataque, em consenso decide-se declarar solidariedade aos EUA. Argentina e Chile consideram os EUA não-beligerantes, já Nicarágua, Honduras, Guatemala, Haiti, El Salvador, Republica Dominicana, Panamá e Costa Rica declaram guerra ao Japão, México e Colômbia rompem relações diplomáticas com o Japão, já o Uruguai condena a agressão e concede aos EUA seus portos.

Com o ocorrido é feita uma nova reunião extraordinária, a conferência do Rio 15/01/1942, com o objetivo de uma união continental, com a intenção de que todo o continente rompesse relações diplomáticas com o eixo, mas Argentina se opôs e continuava a insistir em posição neutra, o Chile também se opôs a obrigatoriedade do rompimento com a alegação de seu extenso litoral voltado ao pacífico, no mais todos os países concordaram com o rompimento. A conferência do Rio foi de extrema importância para os EUA, presidida pelo chanceler brasileiro Oswaldo Aranha, que mais tarde foi agradecido em carta pessoal do presidente dos EUA Franklin Roosevelt, que através de seu empenho, consegue o tão sonhado alinhamento Brasil-EUA. A conferência causou grande comoção no país. Vargas proferiu o discurso de abertura dizendo que:

“Quanto a posição brasileira, objetiva defender, palmo a palmo, o próprio território contra quaisquer incursões, a não permitir (que) possam as suas terras e águas servir de ponto de apoio para o assalto a nações irmãs. Não mediremos esforços para a defesa coletiva, faremos o que as circunstâncias reclamarem e nenhuma medida deixará de ser tomada a fim de evitar que, portas adentro, inimigos ostensivos ou dissimulados se abriguem e venham a causar dano, ou pôr em perigo a segurança das Américas”. (Apud SEITENFUS. 2003. P.273).

Com o posicionamento brasileiro os embaixadores do eixo enviaram cartas em tom de ameaça ao chanceler brasileiro na esperança de um recuo do Brasil e que o mesmo conseguisse convencer as demais nações americanas. Somente Argentina e Chile não romperam relações diplomáticas com os países do eixo. Contudo, internamente o Brasil passava por algumas discordâncias em relação a seu posicionamento no conflito. Alguns chefes militares tinham posicionamento contrário em virtude do fraco aparato militar brasileiro e alegavam que os EUA nunca cumpriam suas promessas e que os armamentos destinados ao Brasil ainda não haviam sido entregues. Havia também grande preocupação em relação aos Argentinos que mantinham um alinhamento com os nazistas, portanto eram considerados uma ameaça. Com a pressão dos militares brasileiros, e esforço da diplomacia dos EUA e Brasil, fica estabelecido em regime de urgência o envio de tanques, veículos, aviões e armamentos ao Brasil e que só com a aprovação dos chefes militares brasileiros o rompimento se efetivaria, que acabou acontecendo. Mas, com a não concordância da Argentina e do Chile, a conferência do Rio ficou acordada que, o rompimento das relações diplomáticas com Alemanha, Itália e Japão seria de caráter não obrigatório.

Com o rompimento do Brasil com o eixo, acaba a política de acordos bilaterais com esses países.

As reações da Alemanha e da Itália foram diferentes perante a decisão americana de pôr fim à neutralidade. Os alemães receberam a notícia com frieza. No dia seguinte a reunião, Prüffer e seus colaboradores partem para a Argentina, onde ficariam cumprindo suas atividades diplomáticas. Não houve nenhuma manifestação. Já os italianos se mostraram irritados. Mussolini chegou a pedir para que dissessem para o encarregado de negócios brasileiros em Roma que o Dulce tinha memória de elefante e que chegaria o dia em que faria o Brasil pagar caro por essa decisão. (SEINTENFUS. 2003)

Assim, com o fim da neutralidade, começam as cooperações entre Brasil e EUA, firmando acordos para financiamentos e compras de armamentos, treinamento militar para o exército brasileiro e para a construção da usina de siderurgia no Brasil, e instalação de uma base aérea para os EUA no nordeste brasileiro, ponto mais próximo da África e Europa, considerado ponto estratégico e de localização chave para o conflito.

A partir de 1942 a ameaça nazista e fascista se concretizam no hemisfério sul, com ataques a marinha mercante brasileira. Com os ataques cada vez mais próximos a costa brasileira e com a alegação de que o Brasil era uma nação inimiga e que o

Brasil era o maior fornecedor de matéria-prima para os EUA, dentre elas borracha, minerais, algodão entre outras, começam os ataques à desprotegida marinha mercante brasileira. E de fevereiro a setembro de 1942 foram torpedeados dezenas de navios brasileiros sem que houvesse declaração de guerra. E para dar início as operações no atlântico sul o almirante Karl Dönitz, comandante da marinha alemã (Kriegsmarine) designou um grupo de submarinos (U-boats) para operar imediatamente na costa brasileira, tendo como ponto de reabastecimento os rochedos de São Pedro e São Paulo, onde o submarino U-460 ficaria responsável pelo reabastecimento dos demais.

Os ataques a navios brasileiros aconteceram desde a costa leste dos EUA, mar do Caribe, Mar Mediterrâneo, extremo sul da costa africana e principalmente na costa brasileira. Segue abaixo os navios brasileiros torpedeados, metralhados e afundados pelos submarinos alemães e italianos na Segunda Guerra Mundial:

1. Navio Taubaté, metralhado no mediterrâneo,
2. Navio Santa Clara, desaparecido em circunstâncias misteriosas nas bermudas,
3. Navio Buarque, posto a pique na altura de Norfolk EUA,
4. Navio Olinda, também em Norfolk,
5. Navio cargueiro Arabutan, na altura do Cabo Halteras EUA,
6. Navio Cairu, posto a pique na mesma altura do Arabutan,
7. Navio Cabedelo, desaparecido na costa Leste dos EUA,
8. Navio Parnaíba, torpedeado na altura de Barbados,
9. Navio Gonçalves Dias, torpedeado no Mar das Antilhas,
10. Navio cargueiro Comandante Lira, torpedeado na proximidade de Fernando de Noronha,
11. Navio Alegrete, posto a pique no Mar das Antilhas,
12. Navio vapor Pedrinhas, com destino a Nova York,
13. Navio Tamandaré, com destino a Nova York,
14. Navio Barbacena, posto a pique no Mar das Antilhas,
15. Navio tanque Piave, com destino a Venezuela,
16. Navio Baependi, torpedeado entre a Bahia e Sergipe,
17. Navio Araraquara, posto a pique na mesma altura do Baependi,
18. Navio Aníbal Benévolo, com destino a Aracaju posto a pique,
19. Navio Itagiba, posto a pique no norte da ilha de Tinharé na Bahia,
20. Navio Arará, posto a pique quando socorria o Itagiba,

21. Barcaça Jacira, no mesmo local de Itagiba e Arará,
22. Navio cargueiro Osório, com destino a Nova York,
23. Navio cargueiro Lages, torpedeado duas horas depois do Osório com o mesmo destino,
24. Navio cargueiro Antonico, torpedeado na ilha do diabo na Guiana Francesa,
25. Navio cargueiro Porto Alegre, torpedeado quando navegava na proximidade da Cidade do Cabo, África do Sul,
26. Navio cargueiro Apalóide, posto a pique com destino a Nova York,
27. Navio cargueiro Brasilóide, torpedeado no litoral norte baiano,
28. Navio de passageiros Afonso Pena, afundado quando deixava o porto de Recife,
29. Navio Tutóia, afundado quando deixava o porto de Paranaguá com destino a Santos,
30. Navio Pelotaslóide, afundado ao largo da Ilha das Gaivotas, Espírito Santo,
31. Pacote Bagé, afundado no litoral do Sergipe,
32. Navio Itapagé, afundado na altura da Lagoa Azeda, Alagoas,
33. Navio Cisne Branco, torpedeado nas proximidades de Fernando de Noronha,
34. Navio cargueiro Campos, posto a pique também nas proximidades de Fernando de Noronha,
35. Navio Imediato João Silva, desaparecido.

N Na época a comercialização era feita pelo mar, o transporte marítimo de cargas e passageiros era frequente devido ao baixo custo financeiro e também a melhor forma de ligação entre os continentes, no Brasil não era diferente, e com esses navios postos a pique, um total de 138.970 toneladas foram afundadas, com perdas econômicas, financeiras e principalmente humana, com a morte de mais de mil pessoas, sendo militares, tripulantes, passageiros entre eles mulheres e crianças, motivo de grande revolta e comoção nacional, que através da pressão popular, da imprensa e de grande parte dos militares, seria o motivo pelo qual o Brasil acabaria pela declaração de beligerância contra os países do eixo.

“Como consequência, a população saiu às ruas no Rio de Janeiro exigindo a declaração de guerra ao eixo”. (SEINTENFUS)

Com as pressões da imprensa, população e opinião pública, Vargas vê-se obrigado a assinar o decreto de declaração de guerra no dia 31 de setembro de 1942.

A cooperação entre Brasil e EUA para a criação de uma base aérea no nordeste brasileiro trouxe desenvolvimento e prosperidade para nosso país. Natal foi escolhida

devido a sua posição estratégica e por ser o ponto de ligação mais próximo do continente africano e europeu. Não só isso, a partir de Natal os aviões faziam o reforço de defesa aéreo do canal do Panamá na luta contra os submarinos e proteção no envio de suprimentos pelos navios as frentes de batalha.

A chegada das tropas dos EUA trouxe desenvolvimento a capital potiguar, com a criação de empregos, infraestrutura e uma rede de 55 campos de pouso que ligavam os EUA ao nordeste e daqui abasteciam e seguiam rumo a África e Europa, sendo na época o mais movimentado no mundo, com média de 200 voos diários. Natal ficaria conhecida como “trampolim da vitória”. Com a chegada das tropas houveram mudanças culturais e de hábitos da população de Natal, a cidade foi a primeira do Brasil a ter coca cola, ketchup e calça jeans.

No dia 25 de março de 1943 o presidente Getúlio Vargas assina o decreto n. 6.365 que criou a Força Expedicionária Brasileira FEB com um importante papel na vitória aliada. A FEB foi financiada pelo Departamento de Finanças do Exército dos EUA, com treinamento militar, equipamentos e também o pagamento das tropas brasileiras e foi destinada a integrar o IV corpo de Exército norte americano que combatia na frente italiana, com a ressalva de que o Brasil no final do conflito ficaria com o material usado pelo contingente brasileiro. O efetivo da FEB foi de 25.445 homens sob o comando a princípio do General Zenóbio da Costa e posteriormente pelo General Mascarenhas de Moraes. A FEB teve um papel de extrema relevância na vitória aliada, com conquistas de territórios ocupados pelas forças nazistas em solo italiano, sendo a sua maior conquista o Monte Castelo. A FEB termina o conflito com o número total de mortos de 443, sendo 364 mortos em ação e o restante por acidentes, doenças e outros motivos.

CONCLUSÃO

No estudo presente foi feita uma análise dos fatores que levaram o Brasil que, de um país neutro, acabou por ter uma participação efetiva no lado dos países aliados na Segunda Guerra Mundial.

Sabe-se que o totalitarismo na Europa explodiu na década de 30 e que esses regimes tendiam a não cessar. E, com ideais de anexação e objetivo de uma nação poderosa e conquistas de regiões dantes povoadas por um império, Alemanha, Itália,

Japão e União Soviética ameaçam a Europa. No Brasil vivia-se algo parecido, um regime político chamado Estado Novo centralizando o poder nas mãos do estado.

Ideais que a medida que passam-se os anos viram ameaças e automaticamente tomam proporções catastróficas para o mundo a ponto de chegarmos a um conflito mundial. A princípio o Brasil usa uma política de abstenção, logo passa a posição de neutralidade. Mas um país gigante como o Brasil não passaria despercebido pelas nações beligerantes, pois com matéria prima em abundância e localização estratégica o país torna-se alvo de uma disputa financeira, econômica e geográfica das nações conflitantes.

Com uma relação de ambiguidade com as nações em lados opostos, o Brasil se beneficia com acordos bilaterais e mantém comércio com ambos os lados. Mas afinal o que leva um país neutro a envolver-se na Segunda Guerra Mundial? Com a indecisão de qual lado apoiar, Getúlio Vargas tira proveito até o último momento, mantendo comércio com Alemanha e EUA. Vargas tinha o sonho de industrializar o país e modernizar as forças armadas, e usou com audácia e inteligência seu plano de progresso e desenvolvimento do Brasil. Com o desenrolar do conflito na Europa, e a constante ameaça nazista nas Américas os EUA usam de sua política da boa vizinhança para aproximar-se dos países com a ideia de um pan-americanismo com investimentos financeiros, econômicos e também culturais.

E com a crescente procura por matéria prima devido ao bloqueio naval da Marinha Real Inglesa o Brasil deixa de abastecer a Alemanha e acaba por se alinhar com EUA. Na Europa a Alemanha ganha terreno e invade países que tinham colônias nas Américas gerando preocupação com uma possível invasão nazista nas países americanos. Mas com o ataque japonês a uma base dos EUA no pacífico muda-se totalmente a configuração do conflito. Da posição de neutralidade dos países americanos passa-se a declaração de Guerra. Contudo o Brasil condena a ataque mas mantém-se neutro. Mas com o Brasil abastecendo o mercado norte- americano os alemães não demoraram a atacar os navios brasileiros com seus submarinos. Com os ataques, dezenas de navios brasileiros foram afundados, com perdas humanas, materiais e financeira, motivo que levou a declaração de guerra do Brasil aos países do eixo. E com a cooperação Brasil-EUA, o Brasil sede no nordeste bases de aviação aos EUA em troca de financiamentos e construção de uma usina siderúrgica e treinamento e modernização de suas Forças Armadas.

A importância da pesquisa foi de extrema relevância para compreendermos a relação de poder e da conquista através da ameaça, intolerância e racismo no qual vivíamos no século passado e ainda vivemos. Devemos nos aprofundar no tema para tentarmos nos conscientizar que na guerra não há um lado vencedor, todos saem perdendo, seja na destruição, política, economia e principalmente em vidas humanas.

REFERÊNCIAS

ARGUELES. Delmo de Oliveira. **Conferência do Rio de Janeiro de 1942: O ponto decisivo da política externa getulista**. Brasília. 1996. 72 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília. 1996.

CAMARGO. Aspásia; ARAÚJO. João Hermes Pereira de; SIMONSEN. Mário Henrique. **Oswaldo Aranha: a estrela da revolução**. São Paulo: Mandarim.1996.

FAUSTO. Boris. **História do Brasil**. São Paulo. 2003.

MOURA. Gerson. **Autonomia na Dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 1980.

HILTON. Stanley. **O Brasil e as Grandes Potências 1930-1939: os aspectos políticos da rivalidade comercial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977.

SEITENFUS. Ricardo. **O Brasil vai À Guerra: O processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. Barueri. São Paulo: Manole. 2003.

READER'S DIGEST. Seleções do. **Grande Crônica da Segunda Guerra Mundial: de Stalingrado a Hiroxima**. Rio de Janeiro-São Paulo-Porto Alegre. Seleções do Reader's Digest. 1969.

SKIDMORE. Thomas. **Brasil de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Saga. 1969.

G1. Rio Grande do Norte. **Especial Natal 413 anos: “Trampolim da Vitória” dos EUA na 2ª Guerra.** G1.globo.com/rn.